

GRÉCIA ANTIGA: A POSIÇÃO DA MULHER SOB A ÓTICA MASCULINA

Mariana Luana Martins¹, Michelli Cristina Alexandre², Pâmela Edilma de Souza³, Bethania de Assis Costa⁴, Germano Moreira Campos⁵, Lidiane Hott de Fúcio Borges⁶.

¹ Graduanda em História no centro universitário UNIFACIG. marianabw1997@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia no centro universitário UNIFACIG. michellialexandreavargas@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia no centro universitário UNIFACIG. pamelaedilma123@gmail.com

⁴ Mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa. bethania.assisc@ufv.br

⁵ Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto.

germcampes@yahoo.com.br

⁶ Mestre em Engenharia e Ciência dos Materiais, centro universitário UNIFACIG.
lidianehtott@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo objetivou fazer uma descrição sobre as condições de vida da mulher na Grécia Antiga, no período clássico, especificamente. Para isso, abordamos o discurso de alguns filósofos, como Aristóteles, Apolodoro e Demócrito e de autores que pesquisaram sobre esse período. Quanto à Grécia, procuramos descrever como a sociedade via a mulher e o que pensavam sobre aquelas que não seguiam o padrão de comportamento da época. Analisamos a relação mitológica a respeito da criação da mesma, através do mito de Pandora, e a relação de poder de deusas como Atena, Ártemis e Hera, além de falarmos sobre as concepções de sexualidade e comercialização do corpo feminino, com as *heteras*, as *pallakai* e as *pornai*. Diferenciamos como as cidades de Esparta, Atenas e Lesbos lidavam com essa parcela da sociedade que não tinham direitos de cidadãos, e apresentamos duas das *hetares* mais conhecidas desse período: Safo de Lesbos, por seus cantos e poemas, e Rodópis, por sua beleza. Enfim, para concluirmos, percebemos que o patriarcado que por muito tempo dominou nossas sociedades, e que mesmo em pleno século XXI tem certa influência, existia mesmo numa sociedade berço da democracia, como a Grécia, e que este possuía respaldo de grandes pensadores da Filosofia.

Palavras-chave: Grécia Antiga; Mulheres; Período Clássico; Exclusão social.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do percurso histórico de nossa sociedade, observamos que o homem sempre foi apresentado como um ser superior, devido a sua força e virilidade e até mesmo por ter uma capacidade racional mais rápida, segundo alguns especialistas. A mulher, entretanto, ficou à margem social em grande parte desse percurso.

Podemos verificar que as bases ideológicas que situam a mulher como inferior e submissa vêm de muito longe, desde os mitos da criação do mundo, como na crença judaico-cristã, com Eva, e na mitologia grega, com Pandora. Ambos os mitos apresentam uma identidade negativa para a mulher. No entanto, se analisarmos mais profundamente a trajetória feminina, veremos que elas não foram deixadas de lado por serem inferiores, mas sim por serem temidas e incompreendidas. Como mostra a história com o mito de Pandora, a mulher foi tida como um animal destruidor, insaciável e perspicaz.

Diante desse contexto, nosso estudo visa responder a seguinte pergunta: como era a vida da mulher na Grécia Antiga? Para isso investigaremos o espaço sociocultural das mulheres nessa sociedade que é tida como o berço da civilização ocidental, e que muito nos influencia até os dias atuais. Essa investigação será sob a ótica masculina, partindo da visão mitológica da criação da mulher até a posição que a mesma ocupava na Grécia Antiga, e será de suma importância para entendermos um pouco mais sobre essas bases ideológicas que sempre colocaram a mulher como inferior ao homem.

O objetivo geral de nossa pesquisa é investigar como vivia a mulher na sociedade grega dos tempos antigos e os objetivos específicos são: relacionar o mito de Pandora à posição da mulher na

sociedade grega; distinguir a mulher de Atenas e de Esparta e descrever o que grandes filósofos gregos pensavam a respeito da posição da mulher no mundo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. OS FILÓSOFOS GREGOS E O MITO DE PANDORA NA CONSTRUÇÃO DA VOCAÇÃO DA MULHER NA GRÉCIA

Assim como o Cristianismo tem em seu livro *Gênesis* sua explicação acerca da criação do mundo e da mulher, na Grécia Antiga havia os mitos que explicavam tal acontecimento. Funari (2009) defende que os mitos gregos são importantes fontes de conhecimento sobre o pensamento daquela sociedade. Enquanto para os cristãos Eva é a primeira mulher criada, na mitologia grega, esse título é atribuído a Pandora. Através do mito de Pandora pode-se observar a visão pessimista que os gregos tinham sobre a mulher. Segundo a mitologia grega, Pandora foi enviada por Zeus para punir Prometeu por ter roubado o fogo sagrado e o dado aos humanos. Pandora era uma mulher belíssima e foi oferecida a Epimeteu, irmão de Prometeu. Ela, por curiosidade, abre um presente de núpcias enviado do Olimpo, um jarro (outros autores falam de uma caixa, a 'Caixa de Pandora'), trazendo todas as calamidades e desgraças que atormentam os homens até os dias atuais. Por recomendações de Zeus ela fecha o jarro rapidamente, restando ali dentro apenas a esperança.

Hesíodo, que ao lado de Homero é considerado um dos maiores poetas gregos, relata em uma sua obra *Trabalhos e Dias*, o nascimento de Pandora, assim como da disseminação do mal entre os mortais. Segundo ele:

“... Antes [da chegada de Pandora] a raça humana
Tinha vivido da terra sem problema, sem trabalho
Sem doença e sem dor...
Mas a mulher tirou a tampa da jarra com suas próprias mãos
E espalhou todas as misérias que significam tristeza para os homens.
Apenas a Esperança foi deixada no jarro inquebrável,
Grudada embaixo da tampa, e não pôde voar.
A mulher fechou a tampa do jarro,
E pelo plano do dono de tudo, o que pastoreia nuvens, Zeus,
Já naquele momento milhares ou mais de outros horrores se espalhavam
entre os homens,
A terra está cheia de coisas más, e o mesmo acontece com o mar”
(HESÍODO, p. 90-101 apud LAURIOLA, 2005, p. 128).

No trecho acima, além de poder ser observado que à Pandora é atribuído a responsabilidade por libertar pelo mundo toda sorte de males, também é colocada sobre ela a culpa pelos homens terem que trabalhar, algo que na época era visto como castigo, como algo ruim pelos gregos. Logo, “Pandora é, ao mesmo tempo, bem e causa da desgraça para os homens, ela representa o início da degradação da humanidade” (SANTOS, 2007, p. 08). Ela “simbolizando todas as mulheres, é um flagelo instalado no meio dos mortais, mas algo maravilhoso, revestido pelos deuses de atrativos e de graça. Raça maldita, mas imprescindível ao homem” (BRANDÃO, 1997, p.168).

Silva (2008) ao abordar a situação das mulheres gregas, afirma que estas eram temidas por serem vistas como um animal insaciável, destruidora e perspicaz. Para Santos (2007) o mito de Pandora demonstra bem como as mulheres eram temidas pelos homens.

A concepção de inferioridade da mulher grega em relação ao homem teve como respaldo grandes pensadores da época, dentre estes, podem-se citar Aristóteles e Demócrito. Aristóteles acreditava que a natureza da alma era hierarquizada, e que o homem se encontrava num plano superior ao da mulher, esta que sofreria de uma carência e maturidade de espírito, sendo, portanto, incapaz de exercer qualquer função que não fosse a de obedecer ao homem, seja a seu pai ou a seu marido, por isso afirma que “quanto ao sexo, a diferença é indelével: pois, independente da idade da mulher, o homem sempre deverá conservar a sua superioridade” (ARISTÓTELES, 1998, p. 33). Para o filósofo, o homem é dotado de força física e inteligência, enquanto a mulher, não.

Um pensador que teve uma concepção parecida à de Aristóteles e que influenciou fortemente a filosofia deste foi Demócrito. Em alguns de seus textos, segundo Frias (2012) o filósofo associa a mulher à natureza, reduzindo sua função apenas à satisfação sexual masculina, qualificando-a como uma mera fonte de prazer carnal. Demócrito também precipita a ideia de *ginocracia* (governo destinado por natureza ao homem exercido pela mulher), uma noção que seria utilizada, tempos depois, por Aristóteles, com intuito de condenar a política e as mulheres de Esparta.

2.2. MITOLOGIA GREGA: DEUSAS

Ao contrário das mulheres mortais gregas, que não tinham poder algum, nem mesmo sobre sua própria casa e filhos, na religião grega, que era caracterizada como sendo politeísta antropomórfica – ou seja, seus deuses possuíam aspectos humanos -, havia muitas deusas, e essas, eram muito respeitadas e adoradas, inclusive pelos homens. Dentre as diversas deusas gregas, uma que se destaca é Atena ou *Palas Atena*.

Atena é considerada a deusa da inteligência, das artes, da indústria e da guerra. Silva (2005) ao apresentar a história dessa deusa afirma que esta nasceu quando Zeus, após ouvir uma profecia, de que assim como Cronos foi destronado por ele, Zeus também haveria de ser destronado por seu filho, numa reação anacrônica, acaba por engolir sua esposa Métis, grávida de Atena. Contudo, o deus supremo do Olimpo, sentiu uma forte dor de cabeça e pediu que Hefesto, o deus ferreiro, abrisse-lhe o crânio com um machado e, ao fazer isso, nasceu do cérebro de Zeus, Atena, já adulta e armada para a batalha. Apesar dessa tentativa de Zeus em impedir o nascimento de sua filha, Atena se tornaria sua filha favorita. Sobre essa relação é dito que Atena:

Era a filha privilegiada do senhor do Olimpo, que lhe concedeu muitas das suas supremas prerrogativas. Ela tinha o espírito da profecia, prolongava os dias dos mortais, obtinha a felicidade depois da morte, tudo o que ela autorizava com um sinal de cabeça era irrevogável; a sua promessa era infalível (SILVA, 2005, p. 89).

Atena era uma das divindades mais respeitadas e cultuadas pelos gregos antigos, tanto que existe toda uma lenda para o motivo do nome da capital da Grécia ser em sua homenagem. Segundo conta a lenda, e apresentada por Lima (2017) o rei Cérops precisava escolher qual seria a divindade patrona da cidade que este acabara de fundar. Logo, Poseidon e Atena se apresentaram perante o rei, ambos interessados em ser o patrono da nova cidade. O rei então lhes pediu um presente que fosse de grande valor para a cidade. Poseidon adianta-se e bate vigorosamente na terra com seu tridente e imediatamente faz surgir uma fonte de água, porém, esta tratava-se de água salgada, portanto, de pouca utilidade para a população. Atena então se apresenta, bate com sua lança no solo, ajoelha-se e planta um ramo de oliveira, criando a árvore como o símbolo da paz e da prosperidade. O rei fica muito impressionado com o presente da deusa, e a escolhe como a patrona daquele lugar, nomeando a cidade em sua homenagem: Atenas. A oliveira então passa a ser o símbolo da cidade, bem como a coruja de Atena. O deus dos mares, contudo, não fica satisfeito com a escolha do rei e amaldiçoa a cidade a nunca ter água suficiente para abastecer sua população, o que explicaria o problema de abastecimento de água na cidade até os dias atuais.

Outra deusa de destaque na mitologia grega é Ártemis ou Artemisa, deusa da caça e dos animais selvagens, e também filha de Zeus. Segundo a mitologia grega, e apresentada por Vasconcellos (1998), Ártemis era irmã de Apolo, o deus do sol, e levava sempre consigo um arco, assim como o irmão. A deusa pediu a seu pai que lhe concedesse a virgindade eterna, pedido este que fora concedido. Ártemis era superprotetora em relação a sua pureza, e punia severamente qualquer um que tentasse desonrá-la. Quando as jovens moças gregas chegavam à época de se casarem, elas eram convidadas a colocar na frente do altar dedicado a Ártemis brinquedos, bonecas, mechas de cabelo, enfim, tudo o que lembrasse a deusa de sua virgindade, desse modo, elas estariam deixando o domínio da deusa casta.

Das deusas gregas, certamente a que mais possui características antropomórficas é a rainha dos céus e esposa oficial de Zeus: Hera. Robles (2006) ao definir a deusa diz que:

O arquétipo de Hera perdura em cada mulher que se casa acreditando que o matrimônio é a consumação da satisfação feminina. Fiel, apesar dos maus-tratos de Zeus, ciumenta infatigável que vaga pelos recantos a fim de coletar evidências da lascívia de seu marido, Hera é a deusa privada de todos os seus atributos, exceto do dom da profecia, que exerce através da boca de humanos e de animais para se vingar dos filhos e das muitas amantes de Zeus (...) À primeira vista, seu vínculo matrimonial parece uma relação de amor e ódio; porém, na realidade, cultiva a posse com a argúcia das mulheres que, escudadas em seus direitos, espiam, humilham, vigiam, perseguem e chantageiam os homens mediante pressões que começam com prantos sutis e vão-se transformando em ciclos de fúria e recriminações, até coroar com o rancor uma suposta debilidade atribuída à traição (ROBLES, 2006, p. 50).

Sendo a protetora das mulheres casadas, Hera representa bem como era a situação das mulheres gregas ao se casarem. A mulher viveria à sombra do marido, sendo rendida a laços indivisíveis, tendo que suportar traições, sendo sempre submissa, além de gerir bem a casa, assim como dar filhos homens e saudáveis a seu esposo. Além disso, Hera representa também o lado astuto e cruel das mulheres, pois apesar de muita das vezes ser obrigada a se submeter às vontades do marido, a deusa sempre buscava formas de se vingar das traições, amaldiçoando as amantes de Zeus, perseguindo os filhos bastardos, etc.

2.3. DIFERENÇA ENTRE AS MULHERES DE ATENAS E ESPARTA E TERMOS UTILIZADOS PARA DISTINGUIR AS MULHERES

Atenas e Esparta possuíam modelos diferentes de educação e modos de vida para a mulher. Em Esparta as mulheres eram vistas com mais importância, uma vez que estas geravam aqueles que seriam os futuros guerreiros espartanos. Logo, em Esparta “os cuidados com o corpo começavam com uma política de eugenia, prática de melhoramento da espécie, que recomendava fortalecer as mulheres para gerarem filhos robustos e sadios bem como abandonar as crianças deficientes ou frágeis demais” (ARANHA, 2006, p. 85-86). Outra característica é o fato de que na Lacônia, região onde os espartanos viviam, as mulheres participavam de atividades físicas, “[...] por ocasião das festividades, exibiam nos jogos públicos toda a força, a beleza e o vigor dos corpos bem treinados” (ARANHA, 2006, p. 86). Em Atenas, a educação feminina ficava restringida ao lar “a criança do sexo feminino permanecia no *gineceu*, local da casa onde as mulheres se dedicavam aos afazeres domésticos, menos importante em um mundo essencialmente masculino” (ARANHA, 2006, p. 86).

Por mais que seja considerada a forma máxima de democracia, o sistema de organização grego simplesmente discriminava a mulher. “Os atenienses do século V submetiam as mulheres aos homens de forma explícita e pública. Mesmo quando estavam presentes em locais públicos (por exemplo, em festivais) elas eram praticamente invisíveis e ficavam caladas” (ROSENFELD, 2014, p. 189), eliminando e negando a essas quaisquer direitos humanos e igualdade de condições nos atributos sociais, privando-as de todos os direitos civis.

Aristóteles em sua obra Política (apud TORRES, 2001, p. 1), ressalta que “o silêncio dá graça às mulheres, embora isto em nada se aplique ao homem”. Com isso fica claro que o que se esperava da mulher na Grécia Antiga era a submissão total, negando a elas o direito a livre expressão e escolhas de seus atos.

Para Silva (2008) as mulheres que não estavam no perfil da boa esposa eram postas na categoria de prostitutas. Num texto do século IV a.C., atribuído a Demóstenes, mas de autoria de Apolodoro (citado por RODRIGUES, 2009), se explicita bem quais eram os termos utilizados para se referirem a essas mulheres: os homens tinham as *heteras* para o prazer, as *pollaikai* para as necessidades diárias com o corpo e as esposas para lhes darem filhos legítimos e serem as guardiãs do lar.

Segundo Rodrigues (2009, p. 118) “neste passo, parece encontrar-se os vários tipos de mulheres que o homem grego tinha à sua disposição. Mas, na verdade, ele está incompleto, ali faltam ainda as *pornai*.” Segundo o autor as *heteras* eram, sobretudo, as companheiras, por norma traduzida por cortesãs, as *pallakai* eram as amantes ou concubinas, sendo mulheres livres ou não, e que eram mantidas pelos homens, numa relação mais ou menos permanente. Aristóteles (1998) em seu livro Política remete ao fato do senhor poder tomar as escravas para relações conjugais. Já a *hetera* era tida como uma companheira de homens em ocasiões sociais (como banquetes), e que estavam vedadas a outras mulheres, ditas legítimas, ou seja, as esposas e mães de família. Ela era uma mulher de amores livres, mas não uma mera prostituta.

Quanto às *pornai*, aquelas que mais legitimamente poderemos designar como prostitutas, aquelas que vendem o corpo ao prazer sexual dos homens, em parte, confundiam-se com as *heteras*. A palavra *hetera* implica mesmo uma conotação comercial, muitas delas eram conhecidas por seus apelidos, como Rodópis, que significa rosto de rosa. Mas, na verdade, a mesma mulher poderia desempenhar as duas funções, o que exemplifica a complexidade da realidade (CURADO, 2004, p. 352 apud RODRIGUES, 2009, p. 118).

As *heteras* como Safo de Lesbos e Rodópis eram mulheres da sociedade, que eram cultas, escreviam poesias e tocavam lira. “Para a civilizada Atenas, toda mulher que não respeitasse o seu espaço (*oikos*) e seu lugar na sociedade, era vista como prostituta” (SILVA, 2008, p. 25-26).

2.4. SAFO DE LESBOS E RÓDOPIS

Safo de Lesbos é uma das poucas vozes femininas cujo trabalho sobreviveu ao tempo. A reputação dela esteve, durante muito tempo, envolta em mitos e lendas, e a figura desta poetisa serve para fazer refletir sobre as diferentes atitudes da sociedade perante o gênero e a sexualidade. Muitos dos poemas atribuídos a Safo de Lesbos voltam-se quanto à sexualidade ou bissexualidade desta. Foucault (1998) afirma que o único estatuto sexual que a mulher grega poderia seguir era o matrimônio, especialmente nos períodos Arcaico e Clássico. Lardinois (1995) alega, no entanto, que as poesias de Safo estão impregnadas de conteúdo homossexual. Sobre a realidade sexual da Grécia Antiga é dito que “a relação conjugal não deve ser estranha a Eros, a esse amor que alguns filósofos quiseram reservar para os rapazes” (FOUCAULT, 1985, p. 177). Safo então, teria grande influência sobre outras mulheres, e que essas, por serem mulheres, não tinham as mesmas liberdades sexuais que os homens. Sua poesia falava de desejo, separação, nostalgia, amor, objeto amado e morte. De acordo com Fontes (2003, p. 16), “o leitor torna-se prisioneiro de sua agonia amorosa, fazendo com que se desloque do seu cômodo ponto de vista para assumir o “eu” que sustentava os versos”.

Segundo Vrissimtzis (2002) os costumes da ilha de Lesbos eram menos rigorosos do que em outras cidades gregas, principalmente no que tange a educação e ao comportamento feminino. Para Mata (2009), a ilha de Lesbos oferecia algumas regalias às mulheres. Vrissimtzis (2002) afirma que neste local as mulheres possuíam maior liberdade, podendo até mesmo ser educadas em escolas especiais para garotas. Logo, o modelo feminino observado em Lesbos parece se diferir em alguns aspectos do modelo genérico *falocêntrico* (ideia de superioridade masculina) que era presente na *Hélade*. Porém, nem todos apoiavam isso, pois:

Lesbos fora condenada pelo ditador Pítaco; acredita-se que este não concordava com a diferenciação que a Aristocracia feminina possuía em Lesbos, uma característica comum entre os governantes Arcaicos, razão pela qual supõe-se que Safo tenha sido exilada na Sicília durante algum tempo. Isto prova que a independência feminina em termos de intelectualidade e sexualidade era uma questão muito reprimida no Imaginário da época (MATA, 2009, p. 07).

Rodópis era uma *hetera* grega que viveu no Egito e que foi muito bem sucedida financeiramente. Um dos indícios de tal feito é que foi construída para ela uma pirâmide no Egito grego. Rodrigues (2009) faz menção a Rodópis dizendo que esta foi companheira de Ésope, o autor de grande parte das fábulas que conhecemos. Rodópis seria uma das *heteras-pornai* e que conheceu Safo de Lesbos. Heródoto (443 a.C., p. 134) em suas *Histórias* (Livro II) apud Silva (2015, p.48) explica como ela foi para o Egito e como conseguiu sua liberdade: “Rodópis foi levada para o Egito por Xanto de Samos. Tendo sido levada para fazer negócio com o seu corpo, foi libertada a troco de uma grande quantia, por um homem de Mitilene, chamado Cáraxo, filho de Escamandrônimo e irmão de Safo, a poetisa [...]”.

Heródoto (443 a.C., p. 134) apud Silva (2015, p. 48) ao relatar um episódio da vida de Esopo, menciona novamente a *hetera*: “Rodópis era nascida na Trácia e uma escrava de Iádmom, filho de Hefestópolis, um homem sábio, escravo companheiro de Esopo, o compositor de fábulas”. O historiador grego, contudo, não conviveu nem sequer conheceu Rodópis. Rodrigues (2009) acredita que Rodópis de fato tenha existido, pois são muitas as histórias que fazem menção a ela.

2.5. PEÇAS TEATRAIS E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO GREGO

Narrar a história das mulheres na sociedade grega da antiguidade torna-se uma tarefa árdua, pois tudo que se sabe dessas mulheres são relatos escritos por homens. Muitos dramaturgos trouxeram em suas obras, as diferenças políticas e comportamentais desse grupo, com destaque para as que faziam parte da *polis* de Atenas e Esparta. Através de duas peças teatrais famosas da Grécia, *As Troianas* (Eurípedes) e *Só para Mulheres* (Aristófanes), Silva (2008) traça um perfil sobre as mulheres dessa sociedade. De acordo com a autora, a partir das peças teatrais que retratam elas e seu cotidiano é possível perceber que as mulheres gregas não podiam escrever (não oficialmente), devendo apenas se preparar para serem boas esposas, e a dar a seu marido herdeiros homens e fortes. Além disso, apesar de serem retratadas em peças teatrais, os papéis femininos eram encenados por atores homens, pois a mulher não tinha direito de atuar.

Na Grécia, segundo Aranha (2006, p. 50) “apenas os homens livres eram cidadãos [...]”, ou seja, dentre a parcela de excluídos da sociedade encontravam-se as mulheres. Silva (2008) faz um paradoxo desse período, afirmando que sempre vimos a Grécia como berço da civilização ocidental, um lugar de grandes pensadores, homens que lutavam para construir uma sociedade melhor. De

fato, eles procuravam sempre melhorar o lugar em que viviam, mas para eles, os homens. “As mulheres não eram consideradas cidadãs gregas, elas apenas serviam ao seu papel natural: ser mãe e dar filhos legítimos ao marido - filhos homens” (SILVA, 2008, p. 25).

Na peça *As Troianas* a punição dada a Helena de Tróia serviria como um alerta para as mulheres, de que comportamentos divergentes por parte delas não seriam aceitos. Helena foi a grande responsável pela guerra entre Grécia e Tróia. Segundo Outeiro (2015) Helena era a rainha espartana casada com o rei Menelau que na ausência do marido recebe Paris, o jovem príncipe troiano, em seu leito. O príncipe a leva para Tróia, causando uma guerra entre as duas nações de guerreiros. Exilada em Tróia e odiada por todos, viu guerreiros perecerem por sua causa.

A obra *As Troianas*, de Eurípides, foi representada pela primeira vez em 415 a.C., e narra a história das sobreviventes da guerra entre Tróia e Grécia. O texto mostra, com grande emoção, segundo Silva (2008), o destino das mulheres que outrora tinham honras de rainhas, princesas e mulheres ilustres. Após a guerra, todas, sem exceção, viraram escravas, sendo algumas para as tarefas diárias (concubinas, amantes, escravas sexuais). Entre as cativas encontra-se Helena, a “causadora” da guerra. O rei Menelau a leva como prisioneira e promete que será o povo que decidirá seu destino, uma vez que estes perderam seus entes queridos na guerra, e tudo por culpa dela.

A peça termina com o incêndio dos destroços da cidade, e no fundo dirigem-se às naus de seus senhores as mulheres já partilhadas, a rainha tenta uma última alternativa frustrada de se jogar contra as chamas, contudo é impedida e levada ao navio de seu novo senhor. O coro teatral então encerra: “*Ai! Adeus, minha triste cidade! Caminhemos, forcemos os pés a andar para as naus dos aqueus*” (Eurípides, 2001, p. 96).

Aristófanes foi um dramaturgo grego considerado o maior representante da comédia antiga. Apresentava aversão às inovações sociais e criticava todos que acreditavam nela. Um de seus rivais, devido a isto, foi Eurípides, pois ele remodelou a tragédia, saindo do tradicional, o que segundo Silva (2008) desassossebou Aristófanes, por isso, em 411 a.C., ele escreveu a peça *Só para Mulheres*, destinada a fazer uma crítica ao colega de teatro.

A peça conta a história de um grupo de mulheres que se reúne para comemorar as *Tesmôforas* (festa destinada às deusas Deméter e Perséfone) para decidir o destino de seu malfeitor, o pérfido Eurípides, que envenena, segundo elas, a mente de seus maridos. A peça, conforme aponta Silva (2008), é cheia de humor e ironia, satirizando a postura do colega Eurípides, devido a suas inovações no teatro. Em um de seus trechos, o dramaturgo demonstra sua opinião sobre as mulheres:

Isso é realmente prodigioso! Onde foi que descobriu esta “coisa” que acaba de falar? Que país nutriu uma mulher tão audaciosa? Falar assim abertamente, com esta falta de vergonha! Não quero acreditar que ela tenha cometido esta ousadia aqui entre nós! Mas tudo pode acontecer de agora em diante, e aprovo o antigo provérbio: “É preciso olhar embaixo de cada pedra para não ser mordido por um... orador”¹². Nada há de pior que as mulheres atrevidas por natureza, a não ser as outras mulheres! (ARISTÓFANES, 2003, p. 176).

Sobre a divergência de opiniões entre Aristófanes e Eurípides é dito que, apesar de Aristófanes escrever uma peça retratando mulheres, e fazendo uso do humor:

pode-se notar uma propensão à continuidade do processo de discriminação à mulher na sociedade ateniense, pois, como se disse anteriormente, Aristófanes era radicalmente contrário às mudanças. A tentativa de dar voz às mulheres justifica-se exclusivamente para desqualificar a suposta permissividade discursiva do rival (SILVA, 2008, p. 44).

Aristófanes, mesmo com esse caráter de crítica, faz, assim como seu rival, um apelo social pelos que estão à margem de todo processo social, e nesta peça utiliza-se dos discursos de Eurípides para mostrar a posição feminina, de acordo com sua visão, em sua sociedade contemporânea.

3. METODOLOGIA

O objeto deste estudo foram as mulheres na Grécia, mais precisamente, no Período Clássico, compreendido entre 500 e 338 a.C. Esse período foi marcado pelo desenvolvimento do imperialismo das duas maiores cidades gregas, Atenas e Esparta. Essa fase da história grega é visivelmente marcada por uma série de invasões e conflitos que transformaram a *Hélade* (conjunto de ilhas que

formavam a Grécia) em um cenário de guerras violentas, como as Guerras Médicas, em que Atenas se sobressaiu, liderando na guerra contra os persas, comandando a Confederação de Delos desde 478 a.C, e a Guerra do Peloponeso, envolvendo praticamente todas as cidades gregas, polarizadas entre Atenas e Esparta.

Entretanto, mesmo com tais confrontos, muitos historiadores compreendem esse período como sendo o apogeu da própria civilização grega. Atenas nessa época conheceu grande desenvolvimento econômico, ampliando suas relações comerciais a partir do *Porto do Pireu*, principal porto que liga Atenas às ilhas gregas, e a escravidão na produção agrícola. Esses fatos fizeram com que aumentasse a luta de classes, e resultou na criação da democracia. A transformação política em Atenas e a disseminação de seu modelo político-administrativo para outras cidades-Estado marcaram o auge da Antiguidade Grega. Através desse período, marcado por grandes acontecimentos e transformações, procuramos detalhar a condição feminina nessa sociedade e as diferenças culturais entre Esparta, Atenas e a ilha grega de Lesbos.

Essa pesquisa é descritiva, pois buscou através de vários autores descrever a condição de vida das mulheres gregas do período clássico, seja daquelas cujas atividades eram ligadas ao lar, seja na perspectiva das mulheres que iam contra os costumes e se dedicavam as atividades tidas como masculinas, como escrever poesias, discursos e participar de banquetes, chegando até mesmo a utilizar das descrições de autores gregos para ressaltar como era a visão masculina acerca do papel das mulheres na sociedade grega.

Essa pesquisa teve abordagem qualitativa que:

[...] parte da premissa de que a ação humana tem sempre um significado (subjetivo e intersubjetivo), que não pode ser aprendido somente do ponto de vista quantitativo e objetivo (aqui entendido como independente do percebido e do contexto da percepção). O significado subjetivo diz respeito ao que se passa na mente consciente ou inconsciente da pessoa (individualismo metodológico – o nível de análise é a pessoa) e o significado intersubjetivo se refere ao conjunto de regras e normas que favorecem o compartilhamento de crenças por grupos de pessoas inseridas em determinado contexto sociocultural (holismo metodológico – o nível de análise é a estrutura e os sistemas). (FRASER; GONDIM, 2004, p.141).

Este estudo constituiu-se de uma pesquisa bibliográfica, e para fins de dar credibilidade ao mesmo, foram realizadas leituras em livros e artigos científicos.

4. CONCLUSÃO

Este artigo objetivou responder como era a vida da mulher na Grécia Antiga. Para isso foi realizada uma pesquisa para conhecer o período clássico e após algumas leituras, constatou-se que pouco se sabe sobre o cotidiano feminino sob a perspectiva feminina, uma vez que as mulheres dessa época eram proibidas de escrever. O que se pode apurar sobre o tema deve-se as inferências da condição junto aos mitos sobre as mulheres e o que autores daquele período conjecturaram sobre o papel da mulher na sociedade grega. O perfil desenhado sobre as mulheres gregas era que estas deveriam ser preparadas para serem uma boa esposa e gerarem filhos homens saudáveis. A mulher que fugisse aos padrões de comportamento da sociedade recebia termos próprios, dependendo de sua condição, tais como *heteras*, *pallakai* e *pornai*.

O fato de a mulher não ser considerada cidadã grega, sendo excluída socialmente, mesmo numa sociedade tão politizada como a grega, mostra que mesmo em suas origens, a democracia nunca abrangeu de fato a todos, e que na Grécia Antiga, metade de sua população era deixada à margem da sociedade. A mulher grega, principalmente a ateniense, era vista como inferior por não ser forte e inteligente como os homens. Falar sobre a Grécia e sobre suas cidadãs nos leva a pensar sobre as raízes dos preconceitos de gênero, pois a civilização grega é vista como sendo o espelho da sociedade contemporânea, sendo referência em discussões com temática política.

Toda a historiografia da Grécia nos remonta a fatos de grande relevância, e ao analisá-la, esta nos auxilia numa melhor compreensão sobre os tempos atuais, e a influência que essa civilização tem sobre nós. Em relação à mulher, é observado que o patriarcado que por muito tempo dominou nossas sociedades, e que ainda exerce influência nos tempos atuais, existia mesmo numa sociedade berço da democracia, como era a Grécia, e que este era defendido por pensadores importantes, como Demócrito e Aristóteles, por exemplo.

5. REFERÊNCIAS

ARISTÓFANES. **As nuvens**; Só para mulheres; Um Deus chamado dinheiro. Tradução do Grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ARISTÓTELES. **A Política**. trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRANDÃO, Junito de S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1997.

EURÍPIDES. **As troianas**: Uma tragédia grega. Porto Alegre: Expresso Zahar, 2001.

FONTES, Joaquim Brasil. **Eros, tecelão de mitos**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

FOUCAULT, Michel. A Mulher. In: **História da Sexualidade III: O Cuidado de Si**. Trad: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 5ª reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 147 – 177.

FRASER, M.T.D.; GONDIM, S.G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Revista Paideia**, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

FRIAS, Daniel N. A mulher da Grécia Antiga e possíveis aspectos da cultura grega na contemporaneidade. **Café com Filosofia**. 2012. Disponível em: <<https://filosofojr.wordpress.com/2012/08/23/a-mulher-da-grecia-antiga-e-possiveis-aspectos-da-cultura-grega-na-contemporaneidade/>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LARDINOIS, André. Safo Lésbica e Safo de Lesbos. In: **De Safo a Sade – Momentos na História da Sexualidade**. org. Jan Bremmer. Trad. Cid Knipel Moreira. Campinas, SP: Papirus, 1995.

LAURIOLA, R. Pandora, o mal em forma de beleza: o nascimento do Mal no mundo grego antigo. trad. Eva Bueno. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 52, setembro de 2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/052/52elauriola.htm>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

LIMA, Ana Gabriela. Atena X Poseidon – como surgiu a cidade de Atenas. **Litteratus**. 2017. Disponível em: <<https://litteratusblog.wordpress.com/2017/09/24/atenas-x-poseidon-como-surgiu-a-cidade-de-atenas/>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

MATA, Giselle Moreira da. As práticas “homossexuais femininas” na Antiguidade Grega: uma análise da poesia de Safo de Lesbos (século VII a.C.). **Alétheia**, v.1, 2009. Disponível em: <http://www.revistaale.dominiotemporario.com/doc/DA_MATA.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**: o feminino através dos tempos. trad. William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

RODRIGUES, Nuno Simões. Rodópis no país dos faraós: Itinerário de uma *hetera* grega. Cuadernos de filología clásica: **Estudios griegos e indoeuropeos**, nº 19, p. 115-123, 2009.

ROSENFELD, Kathrin H. Representações da inteligência feminina na Grécia clássica: Clitemnestra, Jocasta e Antígona. In: **Linguagem & Ensino**, Pelotas. v. 17, n. 1, p. 187-214, janeiro/abril, 2014.

SANTOS, E. C. P. O mito de Prometeu e Pandora - A criação do homem e da mulher. In: **III Congresso Internacional de Ética e Cidadania - Religião e Cultura**, 2007. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/6592951-O-mito-de-prometeu-e-pandora-a-criacao-do-homem-e-da-mulher.html>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

SILVA, Josiany Sotolani da. O Discurso Grego: A representação feminina em As Troianas de Eurípedes e Só para Mulheres de Aristófanes. **Revista de Letras e Norte@mentos**, v.1, n.2. p.181-193, 2008. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/800>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Heródoto e suas histórias. **Revista de Teoria da História**, n.13, 2015.

SILVA, Paula Francineti da. Atena revisitada. **Revista do NIESC**, vol. 5, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/9281/6377>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

TORRES, Moisés Romanazzi. Considerações sobre a condição da mulher na Grécia Clássica (sécs. V e IV a.C.). In: **Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval**. 2001. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2226874>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

OUTEIRO, M. P. EU TE SAÚDO FILHA DE LEDA! HELENA DE TRÓIA, A SACERDOTISA DE EURÍPEDES (412 a.C.). **NEARCO** (RIO DE JANEIRO), v. 1, p. 105-132, 2015.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Mitos gregos**. São Paulo: Objetivo, 1998.

VRISIMTZIS, Nikos. **Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2002.